

SEU BAIRRO

Tororó não entrou na reurbanização do Dique

Quem chega ao Tororó tem a impressão de estar em um paraíso. O casario antigo, com alguns belos exemplares de 100 ou 200 anos, a vista para o Dique e o clima de familiaridade entre os vizinhos, que moram ali há décadas e nem pensam em se mudar, emprestam ao bairro um ar de tranqüilidade de causar inveja a muito morador de área nobre. Mas, de perto, o que se vê são ruas esburacadas, praças abandonadas, falta de ônibus, de escolas primárias e especialmente de segurança. Problemas que transformam o bairro, um dos mais antigos e festeiros de Salvador (houve época em que o Tororó tinha seu próprio Carnaval), num verdadeiro inferno. Há anos os moradores esperam a solução, mas nem a recente urbanização do Dique do Tororó melhorou a situação.

Maria de Fátima Dannemann

Entre o Dique e a Avenida Joana Angélica, numa sucessão de colinas, espalha-se o Tororó. Quem chega ao bairro parece estar entrando num túnel do tempo. Nada de espigões, de arquitetura high-tech, de modernidades ou modernices. Os prédios, de linha arquitetônica típica dos anos 50 ou 60, não passam dos cinco, seis andares. Boa parte das casas, sobrados ou solares, é antiga. Muitas delas têm 100 ou 200 anos. Classe média, ricos, emergentes, pobres convivem entre ruas, travessas, vilas e ladeiras, algumas tão íngremes que não passam de escadas. Uma população que sofre com problemas de buracos, deficiência do transporte e falta de segurança.

"A tranqüilidade daqui é só aparência. Isto virou um inferno. Pivete assalta toda hora, dizem moradores da Ladeira do Futuro. "Só tem um módulo com dois policiais lá em cima", diz Jailton Costa Santos, vigilante. As declarações surpreendem. Afinal, não há muitas grades nas casas, vizinhos batem papo na porta de casa e, apesar das muitas equi-

nas, não se vêem meninos pedindo trocadinho. "De noite é que é horrível", contam os moradores. Nas ladeiras e ruas mais próximas ao Vale dos Barris e Estação da Lapa é que a situação fica pior.

Ônibus

O transporte é ruim, apesar da proximidade da Lapa, da Joana Angélica e do Dique do Tororó, porque apenas uma linha de ônibus chega a entrar e percorrer o bairro. É uma linha que serve ao Santo Agostinho, cujos ônibus muitas vezes passam lotados. "Não nos interessa ter que andar até a Lapa ou ao Dique. Precisamos ter um ônibus cujo final de linha seja aqui", diz Rivaldo França Paim, ajudante de pedreiro. Ao ouvir problemas deste tipo, o visitante fica espantado. Afinal, o lugar é bonito, pacato, com uma vista privilegiada, ventilado e praticamente junto do centro da cidade, com toda sua infra-estrutura.

"A infra-estrutura é boa mesmo. No mercadinho tem de tudo, eu não preciso nem ir no Bompreço. Mas não tem escola pública primária e pré-escolar no bairro. Deveria ter,



Apesar do estado de abandono em que se encontra, especialmente suas ladeiras íngremes, o bairro não perde a simpatia dos moradores

pois muitos pais não estão podendo mais pagar o colégio dos filhos", diz Vânia Borges, que se orgulha em ter passado a infância, casado e continuado a morar até hoje no Tororó. "Cheguei aqui com sete anos", conta. E é como se o lugar tivesse uma mágica especial, pois as pes-

soas chegam e vão ficando por décadas a fio no mesmo bairro, quando não ficam na mesma casa e não saem de lá por nada deste mundo.

É o caso de Maria Etelvina, a mãe de Vânia, mais conhecida como a professora Mariazinha, que foi morar no Tororó em 1965, ensinou

numa escola de lá mesmo, educando várias gerações, e está lá até hoje. "O bairro é bom, calmo, tem de tudo". Jaime Antônio, morador antigo da Rua Ismael Ribeiro, já não tem a mesma opinião e se aborrece, por exemplo, em ver a situação do calçamento de sua rua (ainda de pa-

ralelepipédos) totalmente esburacado. Não só lá, mas nas vizinhas como a Travessa Elói Guimarães, o calçamento é de pedras e está esburacado ou afundando no meio da pista. "O pior é que no cadastro da prefeitura essas ruas constam como asfaltadas", afirma.

Passou o tempo das festas

Se hoje o bairro é pacato e sossegado, até escola de samba o Tororó já teve em seu passado mais festeiro, a Filhos do Tororó. Hoje, o mais ilustre representante do bairro no Carnaval de Salvador é o Apaxes do Tororó, que este ano foi uma das principais atrações da cidade, com índios pataxós e kiriris e Carlinhos Brown com a Timbalada. O Apaxes, no tempo em que o nome do bloco ainda era escrito com CH, foi responsável inclusive por manter o Dique movimentado (antes da urbanização e implantação do parque) com seus ensaios e festival. Mas houve tempo em que o Tororó tinha não só outros blocos, como até seu próprio calendário de festas.

Uma dessas festas era a Lavagem da Igreja, organizada pelo Bloco Secos e Molhados, que acontecia uma semana antes do Carnaval, com participação de trios elétricos, afoxés, "baianas" e um enorme cortejo que saía do Campo da Pólvora e passava pelas ruas José Duarte e do Am-

seu passado carnavalesco e festeiro é que se encontra no Tororó a Praça Dodé e Os-mar, na verdade um acanhado canteiro on-

de fica o módulo policial, sem grandes opções de lazer.

O Secos e Molhados era um bloco diferente. Em vez de fantasia, mortalha, abadá, os homens saíam enrolados em toalhas. O tempo passou e o bloco deixou de desfilar, assim como o Panela Vazia, bloco formado por sindicalistas e partidários da oposição ao regime militar, que iam às ruas com cartazes de protesto e panfletos e que por anos manteve sua sede no Tororó. Da escola de samba, poucos se lembram, mas a Filhos do Tororó, ao lado da Diplomatas de Amaralina e Caciques do Garcia, foi uma das maiores de Salvador.

Violência

Quanto ao fim da lavagem, os moradores não têm do que se queixar. Contam que a festa começou pequena, mas cresceu muito e começou a atrair desordeiros para o bairro. Até crimes aconteceram em suas últi-

mos do bairro, que são diretos e caceteiros quando se referem ao fim da lavagem: "Graças a Deus".



Falta manutenção à pavimentação em paralelepípedos

Paisagem de casario

Nem tudo são flores. Se meninos brincam de bicicleta e jogam bola em algumas ruas, a igreja do bairro poderia estar em melhores condições. A área verde em sua fachada, que poderia ser um jardim transadinho, está tomada pelo mato. "O estado da igreja faz vergonha", diz o ajudante de pedreiro Rivaldo Paim. "Podiam ajeitar o jardim, consertar o cruzeiro e deixar tudo bonitinho para quando tivesse uma festa ou o padre quisesse rezar uma missa ao ar livre". O mesmo estado de abandono tomou conta das escadarias que ligam o bairro ao Dique do Tororó, com degraus quebrados, mato crescendo e sem corrimão. E um detalhe: algumas dessas escadas são antigas.

O visual de algumas casas antigas compensa os problemas, pelo menos para quem visita o bairro. Na Rua Futuro do Tororó,

destaca-se uma casa com fachada em azulejos antigos. A conservação pode não ser das melhores, mas o visual enche os olhos. Moradores da Rua Ismael Ribeiro costumam mostrar orgulhosos uma casa bonita e bem conservada: "É a de Zé Português". Na Rua do Amparo, não faltam exemplares dos séculos XVIII e XIX. Algumas bem conservadas, outras pedindo reforma urgente. A do número 146 é considerada uma das mais bonitas.

No alto do bairro, onde fica a igreja, o casario colonial (em sua maioria sobrados), complementa a paisagem. Muitas das casas foram modificadas ou reformadas. Outras mantêm exatamente suas linhas originais. Em compensação, descer a ladeira é colocar um pé nos problemas: bem no topo, perto da igreja, formou-se um verdadeiro depósito de entulho.



...entre os vizinhos, que moram ali há décadas, tem pensado em se mudar, emprestam ao bairro um ar de tranquilidade de causar inveja a muito morador de área nobre. Mas, de perto, o que se vê são ruas esburacadas, praças abandonadas, falta de ônibus, de escolas primárias e especialmente de segurança. Problemas que transformam o bairro, um dos mais antigos e festeiros de Salvador (houve época em que o Tororó tinha seu próprio Carnaval), num verdadeiro inferno. Há anos os moradores esperam a solução, mas nem a recente urbanização do Dique do Tororó melhorou a situação.

Maria de Fátima Dannemann

Entre o Dique e a Avenida Joana Angélica, numa sucessão de colinas, espalha-se o Tororó. Quem chega ao bairro parece estar entrando num túnel do tempo. Nada de espigões, de arquitetura *high-tech*, de modernidades ou modernices. Os prédios, de linha arquitetônica típica dos anos 50 ou 60, não passam dos cinco, seis andares. Boa parte das casas, sobrados ou solares, é antiga. Muitas delas têm 100 ou 200 anos. Classe média, ricos, emergentes, pobres convivem entre ruas, travessas, vilas e ladeiras, algumas tão íngremes que não passam de escadas. Uma população que sofre com problemas de buracos, deficiência do transporte e falta de segurança.

"A tranquilidade daqui é só aparência. Isto virou um inferno. Pivete assalta toda hora, dizem moradores da Ladeira do Futuro. "Só tem um módulo com dois policiais lá em cima", diz Jailton Costa Santos, vigilante. As declarações surpreendem. Afinal, não há muitas grades nas casas, vizinhos batem papo na porta de casa e, apesar das muitas esqui-

nas, não se vêem meninos pedindo trocadinho. "De noite é que é horrível", contam os moradores. Nas ladeiras e ruas mais próximas ao Vale dos Barris e Estação da Lapa é que a situação fica pior.

Ônibus

O transporte é ruim, apesar da proximidade da Lapa, da Joana Angélica e do Dique do Tororó, porque apenas uma linha de ônibus chega a entrar e percorrer o bairro. É uma linha que serve ao Santo Agostinho, cujos ônibus muitas vezes passam lotados. "Não nos interessa ter que andar até a Lapa ou ao Dique. Precisamos ter um ônibus cujo final de linha seja aqui", diz Rivaldo França Paim, ajudante de pedreiro. Ao ouvir problemas deste tipo, o visitante fica espantado. Afinal, o lugar é bonito, pacato, com uma vista privilegiada, ventilado e praticamente junto do centro da cidade, com toda sua infra-estrutura.

"A infra-estrutura é boa mesmo. No mercadinho tem de tudo, eu não preciso nem ir no Bompreço. Mas não tem escola pública primária e pré-escolar no bairro. Deveria ter,



Apesar do estado de abandono em que se encontra, especialmente suas ladeiras íngremes, o bairro não perde a simpatia dos moradores

pois muitos pais não estão podendo mais pagar o colégio dos filhos", diz Vânia Borges, que se orgulha em ter passado a infância, casado e continuado a morar até hoje no Tororó. "Cheguei aqui com sete anos", conta. E é como se o lugar tivesse uma mágica especial, pois as pes-

soas chegam e vão ficando por décadas a fio no mesmo bairro, quando não ficam na mesma casa e não saem de lá por nada deste mundo.

É o caso de Maria Etelvina, a mãe de Vânia, mais conhecida como a professora Mariazinha, que foi morar no Tororó em 1965, ensinou

numa escola de lá mesmo, educando várias gerações, e está lá até hoje. "O bairro é bom, calmo, tem de tudo". Jaime Antônio, morador antigo da Rua Ismael Ribeiro, já não tem a mesma opinião e se aborrece, por exemplo, em ver a situação do calçamento de sua rua (ainda de pa-

ralelepípedos) totalmente esburacado. Não só lá, mas nas vizinhas como a Travessa Elói Guimarães, o calçamento é de pedras e está esburacado ou afundando no meio da pista. "O pior é que no cadastro da prefeitura essas ruas constam como asfaltadas", afirma.

Passou o tempo das festas

Se hoje o bairro é pacato e sossegado, até escola de samba o Tororó já teve em seu passado mais festeiro, a Filhos do Tororó. Hoje, o mais ilustre representante do bairro no Carnaval de Salvador é o Apaxes do Tororó, que este ano foi uma das principais atrações da cidade, com índios pataxós e kiriris e Carlinhos Brown com a Timbalada. O Apaxes, no tempo em que o nome do bloco ainda era escrito com CH, foi responsável inclusive por manter o Dique movimentado (antes da urbanização e implantação do parque) com seus ensaios e festival. Mas houve tempo em que o Tororó tinha não só outros blocos, como até seu próprio calendário de festas.

Uma dessas festas era a Lavagem da Igreja, organizada pelo Bloco Secos e Molhados, que acontecia uma semana antes do Carnaval, com participação de trios elétricos, afoxés, "baianas" e um enorme cortejo que saía do Campo da Pólvora e passava pelas ruas José Duarte e do Amparo até chegar às escadarias. Talvez por seu passado carnavalesco e festeiro é que se encontra no Tororó a Praça Dodô e Os-

mar, na verdade um acanhado canteiro onde fica o módulo policial, sem grandes opções de lazer.

O Secos e Molhados era um bloco diferente. Em vez de fantasia, mortalha, abadá, os homens saíam enrolados em toalhas. O tempo passou e o bloco deixou de desfilar, assim como o Panela Vazia, bloco formado por sindicalistas e partidários da oposição ao regime militar, que iam às ruas com cartazes de protesto e panfletos e que por anos manteve sua sede no Tororó. Da escola de samba, poucos se lembram, mas a Filhos do Tororó, ao lado da Diplomatas de Amaralina e Caciques do Garcia, foi uma das maiores de Salvador.

Violência

Quanto ao fim da lavagem, os moradores não têm do que se queixar. Contam que a festa começou pequena, mas cresceu muito e começou a atrair desordeiros para o bairro. Até crimes aconteceram em suas últimas edições, segundo contam moradores antigos do bairro, que são diretos e cacetiros quando se referem ao fim da lavagem: "Graças a Deus".



Falta manutenção à pavimentação em paralelepípedos

Paisagem de casario

Nem tudo são flores. Se meninos brincam de bicicleta e jogam bola em algumas ruas, a igreja do bairro poderia estar em melhores condições. A área verde em sua fachada, que poderia ser um jardim transadinho, está tomada pelo mato. "O estado da igreja faz vergonha", diz o ajudante de pedreiro Rivaldo Paim. "Podiam ajeitar o jardim, consertar o cruzeiro e deixar tudo bonitinho para quando tivesse uma festa ou o padre quisesse rezar uma missa ao ar livre". O mesmo estado de abandono tomou conta das escadarias que ligam o bairro ao Dique do Tororó, com degraus quebrados, mato crescendo e sem corrimão. E um detalhe: algumas dessas escadarias são antigas.

O visual de algumas casas antigas compensa os problemas, pelo menos para quem visita o bairro. Na Rua Futuro do Tororó,

destaca-se uma casa com fachada em azulejos antigos. A conservação pode não ser das melhores, mas o visual enche os olhos. Moradores da Rua Ismael Ribeiro costumam mostrar orgulhosos uma casa bonita e bem conservada: "É a de Zé Português". Na Rua do Amparo, não faltam exemplares dos séculos XVIII e XIX. Algumas bem conservadas, outras pedindo reforma urgente. A do número 146 é considerada uma das mais bonitas.

No alto do bairro, onde fica a igreja, o casario colonial (em sua maioria sobrados), complementa a paisagem. Muitas das casas foram modificadas ou reformadas. Outras mantêm exatamente suas linhas originais. Em compensação, descer a ladeira é colocar um pé nos problemas: bem no topo, perto da igreja, formou-se um verdadeiro depósito de entulho.



Moradores sonham com obras de recuperação da velha igreja

Sob a inspiração de Gandhi

"A verdade deve se manifestar em nossos pensamentos, em nossas palavras e em nossas ações". Esta máxima, do político indiano Mohandas Gandhi (este é o nome dele, Mahatma é um título), é uma das frases escritas no portão de um misto de mercadinho e padaria do Tororó. Mostra que nem só de festas e passado carnavalesco vive o bairro, que tem hospital, clínicas, escolas, repartições e sindicatos em suas ruas, onde afinal também se praticam as atividades políticas, médicas e culturais.

Um marco famoso no bairro é o Hospital Martagão Gesteira, um dos poucos voltados para o atendimento de crianças carentes, que tem

atravessado uma grave crise financeira há anos. O Martagão garante movimento na Rua José Duarte, logo na entrada do bairro, e até um comércio paralelo, com camelôs, se instalou em suas redondezas. Nos limites do bairro, na Rua Marujão do Brasil, fica o Sindiquímica.

O bairro já foi chique, hoje ainda têm um certo charme, mas abriga principalmente a classe média. Não só nas casas do século passado, mas em prédios art-decô, o estilo arquitetônico que predominou no pós-guerra. Repúblicas de estudantes também funcionam por lá, assim como clínica veterinária, buffet, órgãos do governo, cartório e outras instituições.